

44 -
A Massificação e a

Busca por uma Nova Escola

MONOGRAFIA : apresentada como exigência
para aprovação no Curso de Sistemática/
do Trabalho Individual e de Grupo.

EP - 150

1618

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CARPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

por

Sandra Helena Perlato

(1.989)

" Não quero demonstrar nada,
quero mostrar ".
(Fellini)

ÍNDICE

1 - A massificação e a realidade educacional brasileira	1
2 - Formação dos alunos	4
2.1 O professor do aluno passivo	5
2.2 O professor do aluno crítico e questionador	6
3 - O professor criativo na escola	8
3.1 O que é criatividade ?	8
3.2 Buscando uma nova escola	8
8/7 Notas	12
8/8 Bibliografia Geral e Consultada	13
8/9 Anexo 1	14
Anexo 2	15
Anexo 3	18

1- A MASSIFICAÇÃO E A REALIDADE EDUCACIONAL BRASILEIRA

Para compreendermos melhor o processo de massificação na realidade escolar, falarei resumidamente sobre a função da escola na sociedade capitalista.

Até a Revolução Francesa, em 1.789, a escola era um privilégio da elite, que podia pagar preços exorbitantes para estudar nos colégios católicos. A partir da Revolução Francesa instaura-se o capitalismo, que trouxe consigo os ideais democráticos de igualdade, liberdade e fraternidade. Cada indivíduo passa a ser visto como responsável por seus atos e sua condição social, pois o Estado garantiria a todos as mesmas condições necessárias para terem uma vida digna e uma posição social.

A burguesia passa a propor uma escola pública, gratuita e leiga, de acordo com os ideais burgueses, não para garantir os direitos iguais dos homens, mas para assegurar a implantação do sistema capitalista. Isto porque a escola forneceria mão de obra dotada de um mínimo de conhecimentos, necessários apenas à execução do trabalho. Além desta função, cabia à escola formar indivíduos passivos, perfeitamente enquadrados - no sistema capitalista, aceitando a realidade como fruto de sua capacidade. Sua condição social era resultante de seu esforço e vocação, já que o Estado proporcionava a todos o direito de estudar (esquecendo-se de fatores importantes como alimentação, moradia, transporte, etc) e, portanto, ascender ~~ela~~ socialmente. Esta era a ideologia capitalista, e a qual a escola } deveria reforçar no sistema educacional. ?

Dentro deste contexto histórico, social, econômico e político, a escola vem atuando desde a Revolução Francesa. }

A escola pública brasileira vem trabalhando, muitas vezes inconscientemente para reforçar o sistema capitalista. Para tanto, assume um caráter massificante e autoritário. Todo conteúdo passado na escola, o é feito segundo os olhos da classe / dominante, reforçando a estrutura social. O aluno da classe proletária sente-se rejeitado pela escola, sentindo-se inferior à-quele mundo tão diferente do seu ... Que fala de grandes heróis da história e não de movimentos coletivos, onde um herói / realiza grandes transformações ... Que fala de uma família eternamente feliz, onde todos se amam, não há brigas, nem dificuldades financeiras ... O pobrezinho da favela vê-se como infeliz, pois só o seu pai bebe, só na sua casa há brigas; só ele não / tem uma família feliz...

A escola massifica seus alunos, despejando neles conteúdos extremamente alienados da realidade de ^{onde} ~~que~~ provêm.

Na alfabetização usam frases ridículas do tipo:

O bebê viu a babá.

A babá é boa.

ou

A pata nada.

Percebe-se uma alienação total da realidade do educando. Menospreza-se toda a bagagem cultural que o educando traz, quando ingressa na escola. É como se a escola dissesse ao educando:

- Eu sei tudo, você não sabe nada!

Os problemas de matemática são extremamente "sem graça", falando somente de situações alienadas e repetitivas, que fogem exatamente da função do problema, a qual é desenvolver o raciocínio lógico.

Em todas as disciplinas ocorre o mesmo fato: os con-

teúdos são desvinculados da vida do educando. Este último, não, consegue ver sentido em aprender estas "coisas", que para ele nada servirão. A aprendizagem torna-se chata e monótona. O professor é sempre o sabe - tudo e o aluno o nada sabe. Os conteúdos são sempre impostos de cima para baixo. Isto acaba por levar ao desestímulo em aprender, que somada à má alimentação, às péssimas condições de vida, acabam por causar a evasão escolar e/ou a repetência nos primeiros anos do 1º grau.

Quando o educando consegue permanecer na escola, recebe juntamente com os conteúdos, as ideologias da burguesia; através de textos:

" O lixeiro "

" César é lixeiro, não gosta de estudar.

Levanta-se de manhã e sobe no carro.

Passa pelas ruas recolhendo o lixo em seus cestos.

Sua irmãzinha Faustina, deseja para ele um emprego / melhor"

Nota-se claramente a ideologia de que quem não estuda, não terá um bom emprego, uma ascensão social. Discrimina / também as profissões piores remuneradas, tratando-as como inferiores. Textos e conteúdos deste tipo passam à criança sutilmente ideologias burguesas, fazendo com que ela realmente acredite nestas idéias.

Outro exemplo de textos ideológicos usados em Estudos Sociais:

"Você gosta de brincar com crianças sujas e que tem mau cheiro?

É claro que não.

Ninguém gosta de brincar com crianças sujas.

Além disso a sujeira favorece a doença.

Criança suja acaba ficando doente.

Por isso, devemos manter o nosso corpo sempre limpo"

Nota-se que o texto fala que a condição básica para a saúde é o cuidado pessoal, ignorando a má alimentação derivada dos baixos salários, as precárias habitações, sem instalações de saneamento básico.

Enfim a escola brasileira passa ao aluno uma visão / individualista. O indivíduo é o único responsável pela sua condição social, se é doente, é porque não se cuida, se vai mal na escola é porque não estuda. Esquece-se que o indivíduo está inserido num processo de alienação, num contexto social político e econômico que não lhe garante as condições básicas para / ser saudável, para aprender, para trabalhar ...

Os conteúdos passados na escola distorcem ou omitem / a relação homem natureza, para tornar mais fácil a inculcação / da ideologia da classe dominante, que discrimina as classes populares, e para evitar a discussão de soluções coletivas para quaisquer problemas sociais.

2- FORMAÇÃO DOS ALUNOS

Diante desta triste realidade, é preciso que os professores, conscientes de seu papel na sociedade e na estrutura escolar, percebam que podem formar dois tipos diferentes de alunos: o aluno passivo ou o aluno crítico e questionador. Isto dependerá dos ideais de cada educador e da postura que assumirem como tal.

2-1 O PROFESSOR DO ALUNO PASSIVO

O professor que tem por objetivo formar indivíduos / passivos, assume o papel de dono do saber. É a autoridade máxi-
ma na sala de aula. Ninguém ousa desrespeita-lo, nem duvidar /
do que ele fala. Ele sabe o que o aluno precisa aprender. Ele
define os objetivos e determina para o ano todo o conteúdo e
as estratégias a serem usadas, sem ao menos conhecer a quem di-
rige os seus métodos; chova ou faça sol, lá está ele, cumprin-
do impecavelmente o currículo pré-estabelecido. Despeja no alu-
no o conteúdo que escolheu, sem dizer por quê, nem para quê.
Ao aluno cabe memorizar os conteúdos dados pelo professor para
devolvê-los exatamente como os recebeu. O aluno é como um com-
putador onde se deposita informações para que ele memorize e
depois devolva-as da mesma maneira. É a chamada "educação ban-
cária" onde se deposita e retira o que foi depositado. O pro-
fessor do aluno passivo, está a serviço da classe dominante /
(consciente ou inconscientemente) e transmite as ideologias da
mesma em seus conteúdos. // Maria Teresa Nidelcoff, em seu livro /
"Uma Escola para o povo", classifica este professor como profes-
sor-policial. Este professor valoriza a cultura elitista, re-
jeitando tudo o que não faz parte dela. O melhor aluno é aque-
le quietinho, que nunca questiona nada, decora tudo o que o /
professor fala, para repetir na prova. É extremamente discipli-
nado, organizado e responsável. Aqueles alunos que o professor
não consegue dominar são taxados de alunos - casos. São os /
questionadores do que o professor ensina, com perguntas incômo-
das que deixam o professor sem saber o que responder. Eles são
uma ameaça ao poder do professor, ao seu domínio sobre o saber
e sobre a classe. Por isso, eles são reprimidos com ameaças de

Suspensão, notas baixas (porque se negam a decorar o que o professor ensina), reprovações, etc, até ele desistir de ser questionador e se enquadrar exatamente como o professor quer. Dessa forma o professor forma indivíduos passivos, submissos, perfeitamente enquadrados na ideologia da classe dominante; incapazes de questionar de qualquer fato social, político ou econômico, pois assim como nos conteúdos escolares, a realidade sempre se mostrou imutável, perante a qual o indivíduo é um mero espectador.

Assim a escola cumpre o seu papel de instituição social, domesticando as crianças na escola para garantir a sustentação da classe burguesa, que continuará explorando cada vez / mais o proletariado, sem maiores problemas.

2-2 O PROFESSOR DO ALUNO CRÍTICO E CRIATIVO

Este professor difere em tudo do professor do aluno / passivo. O professor ^upovo como o chama Maria Teresa Nidecoff, em seu livro "Uma Escola para o povo", trabalha com o objetivo / de valorizar a cultura popular, buscando a partir da realidade / construir a libertação da classe proletária. Ele está sempre atento para as manifestações da cultura popular, sempre incentivando-as. Valoriza a linguagem popular, tentando compreender sua estrutura, para depois chegar aos níveis mais elevados da lin- / guagem. É importante ressaltar que o professor povo não se de- / têm somente na cultura do aluno, mas parte da mesma, chegando / gradativamente aos outros tipos de culturas e conhecimentos. Nes- se confronto entre culturas e realidades diferentes, o profes- / sor-povo, juntamente com seus alunos, desenvolvem a ^Sconsciência / [^]de classe. Para tanto, revisa os conteúdos de textos e manuais /

que trazem embutidas ideologias burguesas. Confronta em conjunto com a classe, o que existe na realidade e o que os textos falam.

Pergunta-se antes de transmitir alguns conteúdos à criança, qual o real significado, o sentido que tal conteúdo tem para a vida dela. Para que aprender isso? Por quê? Dessa forma elimina conteúdos distantes da realidade do educando, que nada lhe acrescentarão na sua formação, enquanto cidadão. Quem é que se lembra dos afluentes da margem esquerda do rio Amazonas? Quem se lembra da data de aniversário de alguns brasileiros ilustres? Tais conhecimentos em nada nos servirão, mas eram eles que decidiam os melhores alunos e as melhores notas da classe.

O professor - povo escolhe conteúdos e os transmite de modo a terem significação ao educando. Quando se sabe o porquê e para quê se aprende, a aprendizagem torna-se muito mais prazerosa.

O melhor aluno para o professor - povo é atuante, questionador, aquele que recria os conhecimentos transmitidos pelo professor. O professor lança os conteúdos aos educandos, não de uma maneira dogmática, mas de uma forma problematizadora. Assim o educando percebe que a realidade não é imutável, o quanto há ainda a se fazer, e vê-se como agente histórico, podendo ajudar na transformação da sociedade, se assim o quiser.

Os conteúdos para o professor - povo são os meios, os instrumentos utilizados por ele no processo de ensino e aprendizagem para atingir os seus objetivos. O professor - povo acredita que os conhecimentos são a arma do proletariado, a arma de qualificação social. Quem não conhece uma realidade, não pode transformá-la.

3- O PROCESSO CRIATIVO NA ESCOLA

Antes de começarmos a falar sobre a criatividade, creio ser necessário conceituar brevemente o que vem a ser criatividade.

3-1 O QUE É CRIATIVIDADE ?

Torrance define:

" A criatividade é um processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências ou lacunas nos conhecimentos e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, testar, e retestar hipóteses, possivelmente identificando-as e a comunicar / os resultados". (1)

Piaget conceitua a inteligência:

" Inteligência é compreender (uma espécie de criatividade interna da mente face ao real) e inventar (uma espécie de criatividade de novos conhecimentos)". (2)

Na definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira :

"Criar: dar existência a; tirar do nada. Dar origem a, gerar, formar, Dar princípio a, produzir, inventar, imaginar, / suscitar!"

3-2 BUSCANDO UMA NOVA ESCOLA

Lendo estas definições de criatividade e de inteligência, pergunto : será que a escola forma indivíduos criativos e conseqüentemente inteligentes ? A escola estimula e propicia o desenvolvimento da criatividade ?

A escola não só não estimula o desenvolvimento da cria

tividade, mas domestica o aluno, o corpo cheio de energia de uma criança. Faz com que ela se submeta às vontades da autoridade máxima : a professora (~~Vide Anexo 01~~ ^{Vide Anexo 01}). Não há espaço para o explorar, o sentir. As emoções não existem na escola, nem no professor. Instituiu-se que para aprender é preciso ficar imóvel e ouvir, ouvir, ouvir ... Será que é assim que se aprende ? Só se for para aprender a submissão. Na escola só há lugar para o silêncio e a imobilidade. Não se pode falar do que se gosta , do que se fez ou vai fazer. Aliás, quem fala durante a aula já é taxado de indisciplinado. Ir à escola para o aluno é uma chatice, ela é totalmente diferente do mundo da criança (~~observe/ com atenção e~~ ^{Vide Anexo 02}). Não há vida na escola. Não consigo imaginar a aprendizagem distante da vida. Longe de tudo o que o indivíduo faz fora da escola. Por que as crianças adoram o programa da Xuxa ? Por que adoram brincar na rua, ou ainda assistir ^a desenhos ? Não vou ignorar o quanto a televisão transmite ideologias, nem sua influência negativa nas crianças, muito menos o consumismo que a Xuxa incentiva. Mas creio que a escola tem muito ainda que aprender com a televisão. O mundo da Xuxa dos desenhos, é colorido, cheio de vida de ação. Por que a criança adora assistir ^a televisão e detesta ir à escola ? Esta é uma pergunta que todo professor deveria se fazer. O que a televisão tem que as crianças gostam tanto e que as minhas aulas não possuem ? A partir daí procurar melhorar suas aulas, partindo até da própria televisão. Por que não se usar a palavra chave Xuxa, para ensinar o X ? Por que não se usar a própria televisão para questionar o que ela impõe ? Será que a Xuxa gosta tanto dos baixinhos, se faz bonecas que custam uma fortuna, e que a pobrezinha da favela nunca vai poder comprar ? Por que será que eu não posso comprar ? Por que eu sou pobre e o fulano é rico ?

É preciso que a escola dê ao indivíduo a oportunidade de pensar, de duvidar, de discutir e conseqüentemente argumentar, de raciocinar levantar hipóteses. Só assim se pode formar um aluno criativo e inteligente. A concepção de aluno inteligente passará a ser aquele aluno que afronta o professor (a sua autoridade, seu poder) colocando toda e qualquer pergunta para toda e qualquer colocação feita e não aguentar ou aplaudir qualquer afirmação feita pelo professor. O aluno não será posto em concurso com os outros alunos, mas será motivado a competir ~~com~~ ^{si} mesmo, buscando auto - aperfeiçoar-se .

A escola não pode em momento algum alienar-se da vida. A escola deve vivenciar ao máximo as situações, e não apenas demonstrá-las oralmente. Algumas experiências, neste sentido, retratam realmente o que seria uma escola voltada à vida e às reais necessidades dos educandos, como é o caso da escola / de pesca, no Espírito Santo, que recebe filhos de pescadores / como alunos. A escola adaptou o seu currículo a realidade do educando. Incluiu no seu programa aulas de Artes de Pesca, Tecnologia do Pescado, Captura, Legislação Pesqueira, Navegação , Construção Naval, Mecânica Naval, Natação e Remo, além das disciplinas que compõem o núcleo comum. (~~Vêr~~ ^{Veja} Anexo 03). Um exemplo como esse nos mostra o que a escola pôde fazer . Ela pode ser / um instrumento de equalização social, desde que esteja ^S ~~con~~ ^{ci} ~~en~~ ^{te} dos interesses de sua clientela. A falta de condições materiais e financeiras prejudicam o trabalho escolar, mas não fazem aniquilar o trabalho do professor. O bom profissional criativo consegue adaptar-se às mais diferentes situações, embora / isto exija tempo de dedicação e esforço. Quero ressaltar o / quanto o professor é o grande responsável pela educação. De nada adianta ver-nos diante de escolas perfeitas e lindas, se /

não há bons professores.

Exemplos como o da escola de pesca^M mostra-nos o /
quanto aprender é gostoso e divertido, quando somos agentes no
processo de aprendizagem. O Aprender tem que ter significado /
para quem aprende o objetivo de aprender não pode ser o de ob-
ter notas. (Acredito numa educação verdadeira, como propôs os
ideais democráticos da burguesia, embora o tenha feito ideolo-
gicamente.) A educação é um instrumento de equalização social,
se esuada em benefício do povo. Formar indivíduos conscientes,
responsáveis (para poder criticar a realidade em que vivem)
e criativos (para proporem transformações e soluções).

Fazer da escola um momento de prazer ao educando. /
Que se possa criar, ouvir, falar, rir, chorar ... Que se pos-
sa correr, deitar, sentar-se ... Que seja um ambiente de soli-
diedade e respeito ... Que aprender seja tão bom e instigan-
te~~te~~ que os alunos não queiram entrar em férias ... Que os alu-
nos sintam necessidade de aprender ... Que ir à escola seja u
na aventura tão grande, quanto assistir à um filme produzido /
pelo Steven Spielberg ...

Talvez então, "escolas de pesca" como a citada aci-
ma, sejam tão comuns que não se faça mais reportagens falando/
delas como uma raridade. Que raro seja uma escola que existia/
há algum tempo, onde se perguntássemos aos alunos sobre a esco-
la, certamente diriam :

- Escola ! ? Argh ! Que chatice !

NOTAS

1 - Fanny Abramovich. Quem Educa Quem. ~~1ª edição,~~ São Paulo :
Círculo do Livro, 1.935, página 24.

2 - Fanny Abramovich. Quem Educa Quem. ~~2ª edição,~~ São Paulo :
Círculo do Livro, 1.935, página 26.

BIBLIOGRAFIA GERAL E CONSULTADA

- 1 - ABRAMOVICH, Fanny. Quem Educa Quem. ~~2ª edição~~ São Paulo: Círculo do Livro, 1.935.
- 2 - FRARE, José Luiz e SCUZA, Hamilton. " Por uma Escola, Séria e Alegre, in Revista Nova Escola, número 30 (maio, 1939) páginas 22, 23, 24, 25.
- 3 - FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. Essa Escola Chamada Vida. (5ª edição) São Paulo: Ática, 1.937.
- 4 - FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antônio. Por uma Pedagogia da Pergunta. (2ª edição) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.935.
- 5 - FREIRE, Paulo e outros. Cuidado, Escola! (23ª edição) São Paulo: Brasiliense, 1.936.
- 6 - MORAES, Rita. " Escola de Pesca, in Revista Nova Escola, número 27 (dezembro, 1.933) páginas 26, 27, 28 e 29.
- 7 - NIDELCOFF, Maria Teresa. Uma Escola para o Povo. (24ª edição) São Paulo: Brasiliense, 1.973.
- 8 - RIBEIRO, Maria Luísa Santos. História da Educação Brasileira. (6ª edição) São Paulo: Moraes, 1.936.
- 9 - SASAKI, Robinson. " Para eles só fica doente quem quer. Você concorda ? in Revista Nova Escola, número 29 (abril , 1.939) páginas 42 e 43.



Um mundo de silêncio e imobilidade



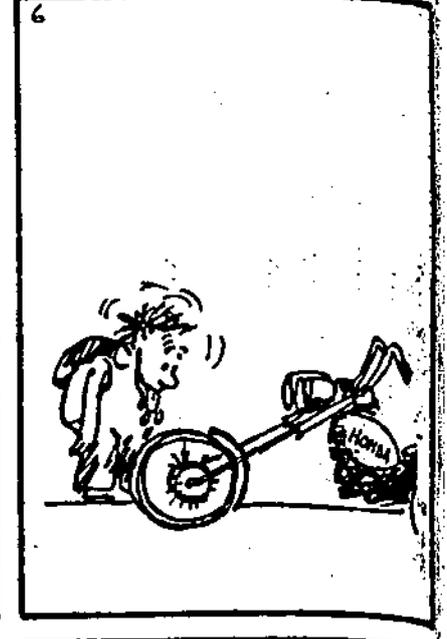
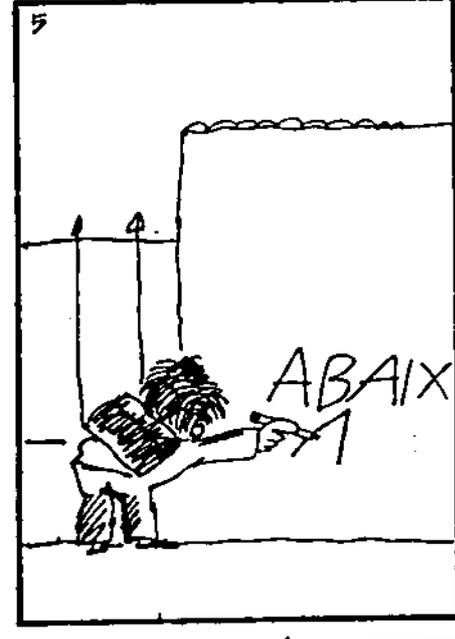
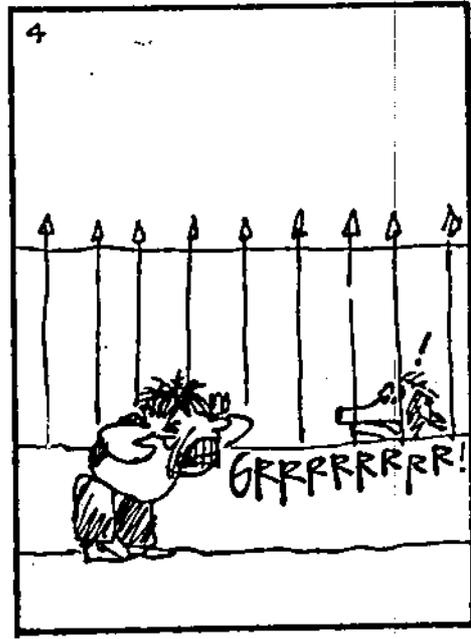
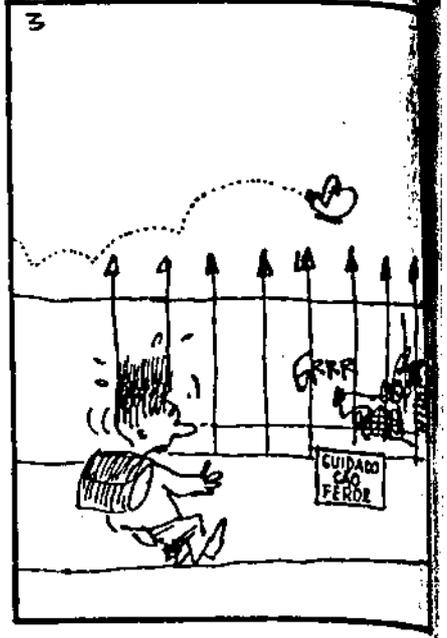
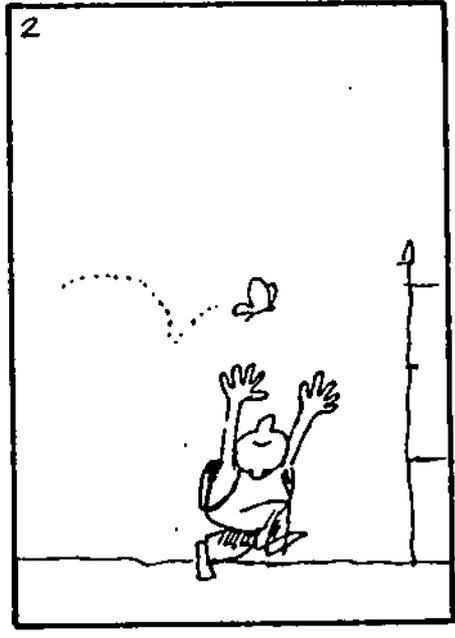
Imediatamente depois do Maternal, a criança de seis anos é "parafusada" numa cadeira dura para estudar palavrorio durante horas e horas.

Será por acaso que a criança em desenvolvimento, essa força da natureza, essa exploradora aventureira, é mantida imóvel, petrificada, confinada, reduzida à contemplação das paredes, enquanto o sol brilha lá fora, obrigada a prender a bexiga e os intestinos, 6 horas por dia, exceto alguns minutos de recreio, durante 7 anos ou mais?

Haverá maneira melhor de aprender a submissão?

Isso penetra por músculos, sentidos, tripas, nervos e neurônios... Trata-se de uma verdadeira lição de totalitarismo. A posição sentada é reconhecidamente nefasta para a postura e para a circulação, e no entanto eis nosso homem ocidental com problemas de coluna, as veias esclerosadas, os pulmões retraídos, hemorróidas e nádegas achata-das... Faz um século que vemos as crianças arrastando os pés embaixo das carteiras, entortando o corpo e pulando como rãs quando a sineta bate (sem falar nos 20% de escolioses). Esse tipo de manifestação é atribuído à turbulência infantil: nunca à imobilidade insuportável imposta às crianças — a culpa é sempre da própria vítima. Não, não é um acaso. É um plano. Um plano desconhecido para os que o cumprem. Trata-se de domar. Domesticar fisicamente essa máquina fantástica de desejos e prazeres que é a criança. (10)

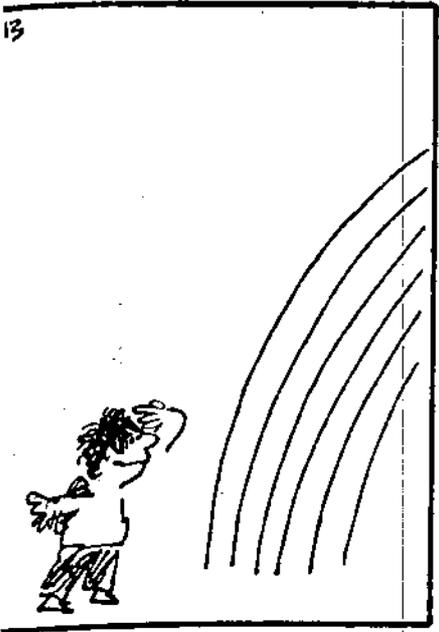
Separado da vida



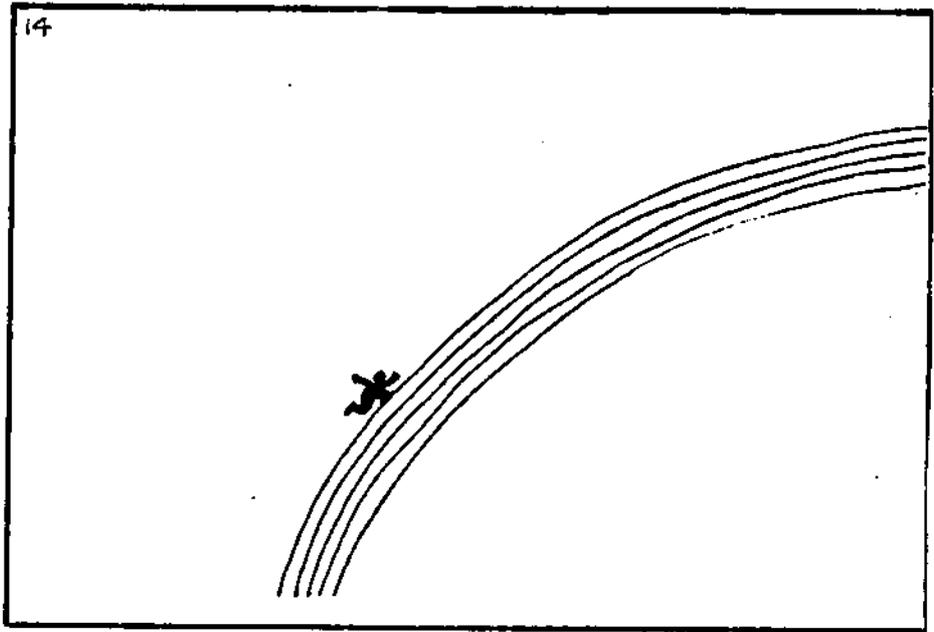
10



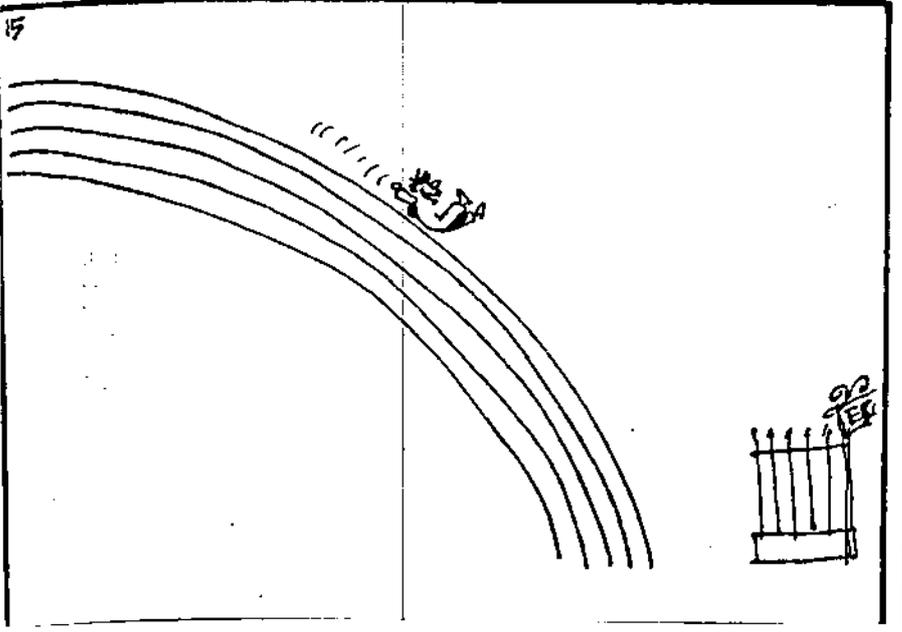
13



14



15

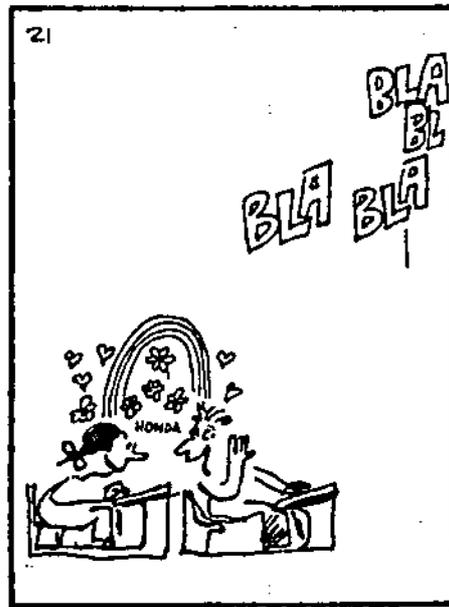


16





Um mundo de ritos imutáveis



LIVROS DIDÁTICOS

Para eles, só fica doente quem quer. Você concorda?

Pesquisadoras do Rio concluem que as publicações disseminam a idéia de que bastam os hábitos de higiene pessoal para prevenir doenças.

Robinson Sasaki

As doenças são contraídas não só pela falta de higiene pessoal mas também, e sobretudo, pela má qualidade de vida e de trabalho de grande parte da população. A relação entre os problemas sociais e as doenças, no entanto, é omitida pela maioria dos autores de livros didáticos de Ciências do 1.º Grau. Eles consagram e disseminam a falsa idéia de que a saúde é uma mera questão de capricho pessoal, ao resumir a prevenção e a cura de doenças às ações de higiene pessoal e ao uso de remédios e vacinas. Essas medidas individuais e individualizantes são invariavelmente apresentadas como se fossem tiradas da cartola, pois vêm desacompanhadas de explicações mais detalhadas. E o propósito das omissões é enquadrar mecanicamente as crianças em padrões de comportamento da classe dominante, levando-as à passividade e ao conformismo diante de sua situação precária de vida, que colabora para a deterioração da saúde.

Essas constatações e conclusão são das professoras Neila Guimarães Alves, Lira Maria Vieira Brasileiro e Marilena Varejão Guersola, que pesquisaram como o Programa de Saúde, obrigatório no 1.º Grau, é divulgado entre os títulos mais requisitados dos livros de Ciências de 1.ª a 4.ª séries distribuídos no ano de 1985 pela Fundação de Assistência ao Estudante. Esse trabalho integra o conjunto de pesquisas sobre *O Cotidiano do Livro Didático na Escola*, desenvolvido por professores da Universidade Federal Fluminense e da Faculdade Latino-Americana de Ciências So-

ciais, com financiamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), do Ministério da Educação.

Sem diferenças — Neila, Lira Maria e Marilena desenvolveram o projeto na área de Ciências em duas etapas. Na primeira, elas analisaram a coleção *Vamos Aprender Ciências*, de Plínio Carvalho Lopes, que foi escolhida pelo fato de ter volumes para todas as séries do 1.º Grau e por ser muito vendida. Com base na

larga experiência que possuem na rede de ensino, as três já sabiam que o conteúdo desta coleção não se diferenciava do de outros livros da disciplina. Mesmo assim, na segunda etapa estenderam a análise a mais cinco coleções: *A Mágica de Aprender*, de Yolanda Marques; *Pelos Caminhos das Ciências e da Saúde*, de Ronaldo Staifel e Demétrio Gowadak; *É Hora de Aprender*, de Maria Belluci e Luiz Cavalcante; *Caminhando*, de Fernando Saroni e Maurício Carvalho; e *O Mundo Mágico*, de Edna Oerugine e Manuela Vallone. Essa análise confirmou que os conteúdos de saúde entre os diversos livros só diferem quanto à ordem e à forma de apresentação. Mas, em função dessa metodologia de pesquisa, as críticas são mais detalhadas e exemplificadas em relação aos volumes da coleção *Vamos Aprender Ciências*. Estes livros, segundo as pesquisadoras, estão repletos de regras a serem decoradas, de preconceitos e de julgamentos morais. Os conteúdos, divididos em tópicos totalmente desarticulados entre si, desprezam o coti-

Você gosta de brincar com crianças sujas e que têm cheiro ruim?
É claro que não.
Ninguém gosta de brincar com crianças sujas.
Além disso, a sujeira favorece a doença.
Criança suja acaba ficando doente.
Por isso, devemos manter o nosso corpo sempre limpo.

Não esqueça:

- Escove seus dentes:
 - ao se levantar;
 - antes de comer;
 - depois de comer;
 - antes de dormir.




Para as pesquisadoras, este texto só discrimina as crianças "sujas". Sem questionar as condições de vida que podem favorecer a sujeira, o texto procura inculcar nos alunos as regras de higiene pessoal, desacompanhadas de explicações.

DOENÇAS
Quando uma pessoa tem saúde normal, sente uma sensação de bem-estar geral. O organismo pode sofrer alterações que causam mal-estar. Essas alterações são doenças.

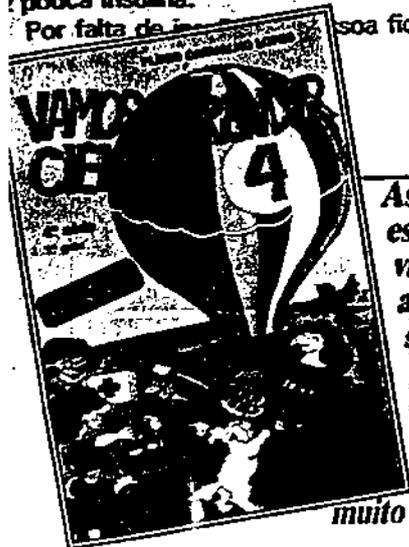
Existem dois tipos de doenças:

- doenças causadas por distúrbios do próprio organismo. Exemplo: diabete.
- doenças causadas por seres vivos que penetram no organismo. Exemplo: tuberculose.

A diabete é causada por alteração um órgão chamado pâncreas, que produz uma substância chamada insulina.

Trabalhando mal, o pâncreas produz pouca insulina.

Por falta de insulina, a pessoa fica



As doenças, de acordo com o texto, nunca estão relacionadas ao meio em que as pessoas vivem ou trabalham. Elas são causadas apenas "por distúrbios do organismo" ou "por seres vivos que penetram no organismo". Este livro omite que a incidência de doenças é maior entre a população que mora, por exemplo, em favelas, onde não há esgoto ou água encanada, e em locais muito poluídos e sujeitos a freqüentes inundações.

diano e o conhecimento adquirido fora da escola pela criança e, por isso, avançam muito pouco em relação ao que ela já sabe.

No 1.º livro da coleção, por exemplo, o tópico higiene é introduzido com a seguinte frase: "Para crescermos com saúde precisamos estar sempre limpos". Em seguida, é apresentada uma série de deveres — como tomar banho todo dia, usar sabonete, escovar os dentes, ter cabelos limpos e penteados, unhas limpas e cortadas e sapatos limpos e folgados —, sem apresentar, no entanto, as razões específicas de cada uma dessas medidas. O tópico é encerrado com um exercício, no qual se pede ao aluno que fale sobre "o tipo de banho que costuma tomar", e com um teste de múltipla escolha em que a criança deve assinalar se o banho deve ser tomado uma vez por dia, por semana ou por mês. Para as

pesquisadoras este é um típico exercício que não exige qualquer raciocínio e que é destinado apenas a manter o aluno ocupado.

No 2.º volume da *Vamos Aprender Ciências*, as noções de higiene e saúde continuam sendo trabalhadas com informações incompletas e, o que é pior, discriminatórias: "Você gosta de brincar com crianças sujas e que têm cheiro ruim? Claro que não. Ninguém gosta de brincar com crianças sujas". As três professoras consideraram grave este tipo de abordagem, em que o autor passa a noção de que existe uma criança suja, e que ela deve ser evitada, e em nenhum momento incentiva a dúvida e o questionamento sobre as causas que levam a criança a manter-se suja, ao contrário do que se espera no ensino de Ciências.

No mesmo capítulo do livro inclui-se, em seguida, outra regra para evi-

tar doenças: tomar vacina. De novo sem maiores explicações, o livro apresenta uma relação de doenças que podem ser prevenidas com vacinação. "Parece não haver qualquer preocupação em desenvolver a conscientização sobre os problemas e as causas. Além de induzir à passividade, passa-se a idéia de que as doenças e acidentes são normais e existem para punir quem não cumpre regras", afirma Neila Alves.

Esse descaso com a qualidade da informação fica mais claro ainda no livro da 3.ª série da coleção, onde são trabalhadas noções de poluição do ar e dos rios, seleção de alimentos e verminoses. Embora seja um capítulo de introdução ao estudo desses problemas, não há a menor indicação das formas de combate preventivo. E, ao apresentar a questão da higiene social, o autor só fala em deveres e obrigações das crianças: tratar com educação e respeito todas as pessoas, ajudar o próximo, seguir a orientação dos pais e professores, cumprir regulamentos da escola e de todos os lugares etc. Não cita direito algum da criança.

Julgamentos morais — No volume quatro, começa um grau de "complicação" maior. Ele aborda, por exemplo, a questão dos vícios, citando o fumo e a bebida e apresentando julgamentos morais. Os dois vícios são condenados, mas o autor é mais veemente em relação ao alcoolismo: "A bebida em excesso torna a pessoa doente, física e mentalmente, rejeitada pela sociedade... O alcoólatra envergonha a sua família e a sociedade". O autor só não explica, segundo as pesquisadoras, que nem todos os que bebem são alcoólatras, que a doença é gerada por uma dependência orgânica e que ela pode e deve ser tratada.

O maior problema que as três professoras verificam neste volume, porém, é a relação errada que o autor faz entre parte do corpo humano com órgãos e a mistura de órgãos e aparelhos, como se fossem a mesma coisa. Além disso, ele introduz termos científicos, como pasteurização, embalagem a vácuo e aditivos, sem a devida conceituação.

Isso foi verificado nitidamente em

todos os livros de Ciências. Segundo as pesquisadoras, os livros, de um lado, não respeitam o conhecimento da criança, mas, de outro, apresentam termos que normalmente só são aprendidos na escola, partindo do pressuposto de que o aluno já domina esse vocabulário. Na pesquisa, as professoras apresentam outros dois exemplos recolhidos nos livros de Yolanda Marques. No de 1.ª série a autora fala de agravos à saúde por agentes físicos e de saneamento básico, sem dar qualquer explicação sobre o significado dessas palavras. O livro de 3.ª série traz um texto que só fala de vermes. O título, contudo, é "Parasitoses Intestinais". Se não há menção alguma a parasitas no texto, por que não usar verminoses intestinais como título, perguntam elas.

Mais estudos — Embora a pesquisa encomendada pelo INEP se limitasse aos livros de 1.ª a 4.ª séries, a professora Neila Alves procurou analisar também os livros do segundo segmento do 1.º Grau. Seu interesse se explica pelo fato de fazer mestrado sobre Educação e Saúde na Universidade Federal Fluminense. Ela chegou a divulgar as conclusões do grupo e as que tirou na pesquisa dos livros de 5.ª a 8.ª séries no *Cadernos Cedex* n.º 18, editado pela Cortez Editora (rua Barreira, 287, CEP 05009, São Paulo, SP).

Os livros de 5.ª a 8.ª séries, segundo Neila, apresentam a saúde de uma forma mais "científica", para atender a um nível de exigência maior dos alunos, que já foram selecionados pelo sistema educacional. Assim, as noções de higiene são associadas à Zoologia, à Bacteriologia, à Botânica etc. "Mas vamos encontrar uma Ciência neutra, estática, imutável e de verdades absolutas, que reforçam a idéia individualizante e preconceituosa de saúde", diz ela. Para comprovar isso, Neila cita os trechos em que o autor de *Vamos Aprender Ciências* define, no livro de 5.ª série, a saúde e as doenças: "Saúde depende do equilíbrio no funcionamento de todos os órgãos do indivíduo" e "doença é consequência de um desequilíbrio do organismo". A pesquisadora afirma que o texto nega a influência do meio e o caráter social da

PARASITOSES INTESTINAIS

Existem vermes que vivem nos intestinos das pessoas onde põem ovos.

Esses ovos saem com as fezes.

Os vermes intestinais mais comuns são: áscaris, ou lombrigas, ancilóstomos, ou amarelão, oxiúros, solitária e esquistossomos.

Áscaris, ou lombrigas

— são vermes que vivem espalhados pelo solo e nos fezes;

...alta atração dos corpos duros; ...das ...distúrbios e até a morte.



Lombriga



Outro vício dos autores, segundo a pesquisa, é pressupor que os alunos conhecem o significado de certas palavras. O texto ao lado é um claro exemplo. A autora usa o título "parasitoses intestinais", não explica seu significado, preferindo falar apenas em vermes

doença, deixando a impressão de que o homem não faz parte da natureza e de que não há qualquer relação entre ambos.

"A omissão, na escola, da ação do homem na natureza é tão grande que chega ao ponto de uma criança ter me perguntado se macarrão dava no pé. Sem o entendimento da relação homem/natureza, fica até difícil discutir a preservação do meio ambiente", comenta.

Inculcação de ideologia — Professora da rede pública do Rio desde 1974, Neila garante que "as publicações didáticas distorcem ou omitem a relação homem/natureza para tornar mais fácil a inculcação da ideologia da classe dominante, que discrimina as classes populares, e para evitar a discussão de soluções coletivas para os problemas de saúde".

O estímulo à busca de soluções individuais, que não atingem as causas, fica evidente, segundo ela, no texto que trata da poluição do ar. O autor de *Vamos Aprender Ciências* recomenda apenas que os alunos não fumem e peçam para os outros não fumarem, que economizem gasolina

e ajudem a manter a casa, a escola e a cidade limpas. Ele omite o desmatamento indiscriminado, não inclui medidas a serem adotadas por indústrias poluidoras e deixa para as autoridades constituídas a adoção de medidas que "só elas podem tomar".

Neila Alves é firme no questionamento dos livros didáticos. Mas não defende sua abolição. Ela espera apenas que o livro seja recolocado no seu devido lugar, como um acessório. Para ela, o fundamental no processo de ensino e aprendizagem é resgatar a relação aluno/professor, o intercâmbio entre indivíduos que trazem suas vivências e práticas sociais. A partir disso é possível, em sua opinião, discutir e questionar o livro didático.

Assim, ela espera que a saúde seja entendida dentro da relação homem/natureza e na perspectiva de busca de soluções coletivas para os problemas. Propõe, por isso, que o tema não seja trabalhado apenas nas aulas de Ciências, mas que a saúde seja assumida em outras disciplinas também, como História e Geografia.